

A suspensão de enunciado – usos e funções na interacção verbal na sala de aula

Carla Aires Alves

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

Introdução

O texto que aqui apresentamos tem como objectivo abordar um dispositivo específico da interacção verbal em contexto pedagógico – a suspensão de enunciado. Pretendemos estudar os diferentes usos e funções da suspensão de enunciado e os efeitos perlocutórios que assumem na conversação realizada na sala de aula.

Constitui também nosso propósito tentar compreender as diferenças presentes no discurso do professor perante alunos de distintos grupos sociais, pois é nossa convicção que a conversação não pode ser concebida como uma simples soma de produtos linguísticos, mas antes como um processo e uma interacção social, psicológica e linguística que possui uma estrutura interna passível de ser analisada (cf. Fernández, 1998: 164).

Para a consecução destes objectivos optámos por constituir um *corpus* e submetê-lo a uma análise de discurso, enquanto análise discursiva das estratégias linguísticas mobilizadas pelo locutor. Partiremos da assunção de que a análise do discurso possibilita uma melhor capacidade de auto e hetero observação, levando ao desenvolvimento de indivíduos capazes de interagir verbalmente em função do seu interlocutor e da situação em que se realizam as trocas verbais.

Esperamos não só disponibilizar informação acerca do modo como é efectivamente actualizada a suspensão de enunciado neste contexto específico, mas também providenciar um maior conhecimento sobre a forma como se realiza o processo de ensino-aprendizagem nas nossas escolas.

Suspensão de enunciado: usos e funções

Na sala de aula, professores e alunos posicionam-se num dispositivo de distribuição¹ da vez de falar que permite a progressão ordenada da interacção verbal. É ao professor que cabe a organização e a estruturação da interacção acontecendo as mudanças de locutor sob a sua orientação, pois é ele quem detém o poder de seleccionar o locutor seguinte.

¹ Entendemos distribuição da palavra enquanto mecanismo que permite a atribuição e a tomada da palavra.

Assim, e já que a distribuição da palavra na sala de aula ocorre de forma estruturada e substancialmente distinta da conversação quotidiana – em que a distribuição dos turnos de fala não é fixa, mas varia, permitindo que o locutor em curso selecione qualquer interveniente para locutor seguinte, possibilitando a auto-selecção ou a manutenção do mesmo locutor, (Cf. Sacks *et al.*, 1978: 21) – torna-se menos comum a situação em que os alunos se auto-seleccionam como locutores. Contudo, tal não significa que, por vezes, isso não aconteça ou que, por exemplo, os alunos não concretizem entre si outro tipo de conversações.

A suspensão de enunciado² traduz-se num dispositivo a que o professor recorre em larga medida por forma a realizar a atribuição da palavra; tal como uma pergunta, exige que o interlocutor aceite o seu turno de fala e adopte determinado comportamento verbal.

Este recurso linguístico é evidenciado sempre que o locutor em curso deixa o seu enunciado incompleto, coagindo o interlocutor a concluí-lo proferindo para o efeito, frequentemente, uma única palavra. Outros dos modos de concretizar este dispositivo consiste na apresentação de uma cadeia de enunciados a que sucede a suspensão de um enunciado através do emprego de um advérbio (*então, logo, etc.*) o que orienta o interlocutor a realizar determinada conclusão. (Cf. Castro, 1991: 139)

Todavia, este dispositivo linguístico não comporta unicamente o objectivo de distribuição da palavra. Aliás, podemos observar que, na sala de aula, a suspensão de enunciado tem essencialmente duas funções³:

– uma função interna, em que o professor suspende de forma deliberada o enunciado com uma intenção exploratória que se aproxima da pergunta;

– e uma função externa com a qual se pretende ceder a palavra ao interlocutor. (Cf. Alves, 2000)

Consideramos que a suspensão de enunciado (nível interno) é um recurso que se traduz na realização de um enunciado que é voluntariamente interrompido pelo professor. A sua utilização revela-se fortemente impositiva e extremamente coerciva na medida em que o fechamento do enunciado, usualmente, só admite uma solução criada através de uma manipulação que se prende não só com o sentido do enunciado, mas também com a sua estrutura sintáctica.

² A interpretação deste tipo de enunciado apresenta-se intimamente associada aos elementos prosódicos e à comunicação não verbal sendo que esta última, apesar de não ser considerada no âmbito deste trabalho, possui uma importância fundamental para uma melhor compreensão da função ou objectivo do enunciado.

³ Deparamo-nos também com enunciados suspensos que parecem advir de hesitações do professor ou inclusivamente de mudanças no seu discurso. Muitas vezes estes momentos são aproveitados pelos alunos para intervirem na interacção verbal, ou são momentos de cedência da palavra por parte do professor.

Entendida desta forma, a suspensão de enunciado apresenta-se extremamente coerciva comportando, normalmente, o enunciado uma única resposta possível, limitando-se o aluno, de uma forma geral, a proferir escassas palavras. Esta constatação leva-nos a afirmar que, a suspensão de enunciado, se bem que por vezes se enquadre num contexto facilitador e de ajuda, se apresenta fortemente manipuladora condicionando a resposta que o aluno pode realizar.

Esta estratégia poderá ser interpretada, neste momento, como uma forma de atribuir a palavra, de elicitir informação e de controlar o comportamento verbal do interlocutor:

“The language of teaching has one type of content elicitation almost all to itself, where initiation and response are so closely knit that they are members of the same syntactic structure.” (Sinclair, 1982: 65)

Por outro lado, o professor pode optar por interromper o seu discurso quando se apercebe que um aluno pretende aceder à vez de falar (e que a sua intervenção é oportuna e conveniente). Aqui, o enunciado é suspenso devido a um factor externo e possui funções significativamente diferentes às da estratégia anteriormente referida.

A cedência de palavra envolve a interrupção do enunciado em curso quando o locutor se apercebe (através de enunciados sobrepostos, por tentativas por parte do alocutário para iniciar um enunciado, através de elementos não verbais, etc.) que o alocutário quer aceder ao papel de locutor. Este mecanismo discursivo parece gerar uma interpretação relacionável com a mitigação do poder.

Convocando a teoria da cortesia verbal proposta por Brown e Levinson (1987) podemos referir que a suspensão de enunciado adquire diferentes efeitos perlocutórios na face do aluno. De facto, todo o sujeito se apresenta investido de dois tipos particulares de necessidades (*face wants*): o desejo de não ser impedido de agir (*face negativa*) e o desejo de ser aprovado (*face positiva*).

Deste modo, a suspensão de enunciado de cariz interno apresenta-se claramente ameaçadora para a face negativa do aluno. O grau de ameaça presente neste tipo de enunciados aproxima-se do constrangimento que assume um acto directivo, pois ambos têm como objectivo levar o alocutário a agir da forma como o locutor pretende.

Por sua vez, e seguindo o mesmo quadro teórico, a suspensão de enunciado de cariz externo surge como uma estratégia que transmite cortesia positiva⁴ para com o interlocutor, optando o locutor em curso por ceder território em benefício do alocutário.

⁴ As estratégias de cortesia podem ser analisadas como meios de conciliar a necessidade de cada um preservar a sua própria face, o que passa necessariamente pela protecção da face do interlocutor. A cortesia positiva apresenta-se, essencialmente, orientada para a face positiva do alocutário, estando relacionada com a transmissão de aprovação.

Consideramos, assim, que o efeito perlocutório da suspensão de enunciado poderá ser substancialmente distinto, sendo que a sua função interna ameaça a face negativa, enquanto que a função externa protege a face positiva.

O corpus

Para a consecução dos nossos objectivos procedemos à constituição de um *corpus*. Este engloba três aulas de Língua Portuguesa do 2º Ciclo registadas em diferentes escolas e com professores distintos.

Por forma a tentarmos observar a possibilidade de existência de diferenças no discurso do professor conforme a proveniência social dos alunos, optou-se pela recolha das aulas em turmas com distintas realidades sociais, económicas e culturais.

Num primeiro nível temos a Aula A em que as habilitações literárias dos pais se situam no âmbito do 1º ciclo e as profissões ao nível do operariado.

Como turma de nível 2 situamos a Aula B, sendo que as habilitações literárias dos pais apresentam uma repartição equilibrada entre a escolarização mínima e intermédia, evidenciando já alguma representação do ensino superior. As actividades profissionais situam-se no âmbito do operariado e da pequena burguesia.

Na Aula C – aula que classificámos de nível 3 – os pais dos alunos possuem escolarização no âmbito essencialmente do 2º e 3º ciclos revelando já uma expressão significativa da frequência no ensino superior. As profissões incluem-se ao nível da pequena e média burguesia.

Análise do corpus

No discurso dos professores encontramos um número substancial de enunciados que não são por eles concluídos, sendo interrompidos antes do seu final. Estes enunciados, diferenciados essencialmente pela entoação de voz do professor, foram classificados segundo a tipologia anteriormente proposta e encontram-se distribuídos da seguinte forma:

Quadro I – Enunciados suspensos realizados pelos professores

Suspensão de enunciado	Aula A		Aula B		Aula C		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Nível interno	6	40.0	20	100	1	10.0	27	60
Nível externo	9	60.0	–	–	9	90.0	18	40
Total	15	100	20	100	10	100	45	100

No nosso *corpus* a suspensão de enunciado, de cariz interno, possui uma expressão muito reduzida na Aula A (6 ocorrências). Na Aula C o seu recurso é praticamente nulo, encontrando-se unicamente 1 emprego.

A maior preponderância de enunciados suspensos ocorre na Aula B (20 ocorrências), turma que classificámos de nível 2.

Prof.: E cada vez que ela acendia um fósforo...

Alunos: Aparecia ali uma imagem.

A partir dos dados obtidos, é possível estabelecer que é na aula de grupo social de nível intermédio que encontramos, mais frequentemente, a utilização desta estratégia discursiva que permite ao professor regular fortemente a interacção impondo um tipo de resposta.

O recurso à suspensão de enunciado de cariz externo é equitativamente explorado na Aula A e na Aula C.

Prof.: Também usam, também são vocábulos... Diz!

Tânia: Porrada!

Prof.: PORRADA! Olhem a PORRADA! Muito bem Tânia, a porrada, não é?
(...)

Na Aula B a cedência de palavra não é facilmente perceptível através do recurso à suspensão de enunciado, muito embora o professor possua um discurso extremamente pausado, permitindo essas pausas que os alunos se auto-seleccionem como locutores seguintes.

A análise do *corpus* possibilitou também que se observasse que a suspensão de enunciado pode ainda ser utilizada enquanto estratégia que permite ao professor atenuar a avaliação negativa. Através da repetição da parte correcta do enunciado do aluno, o professor suspende a frase por forma a permitir que esta seja alterada pelo interlocutor. Deste modo, o professor possibilita a auto-correcção do aluno sem realizar explicitamente uma avaliação negativa.

Augusto: Pretérito perfeito.

Prof.: Pretérito...

Augusto: Perfeito.

Prof.: Perfeito?

Parece-nos ainda relevante proceder à distinção entre *enunciado suspenso* e *enunciado interrompido* e assumiremos também, seguindo a teoria da cortesia verbal proposta por Brown e Levinson (1987), que a interrupção de enunciado se apresenta como uma ameaça para a face do outro: "...disruptively interrupting H's talk, making non-sequiturs or showing non-attention (S indicates that he doesn't care about H's negative or positive face-wants)." (Brown e Levinson, 1987: 67)

Neste quadro, a interrupção de enunciados apresenta-se verdadeiramente constrangedora para a face do alocutário, sendo de considerar que tal infracção conversacional constitui um acto ameaçador da face.

Analisado o número de ocorrências constatámos a seguinte distribuição de enunciados dos alunos interrompidos pelos professores:

Quadro II – Enunciados dos alunos interrompidos pelos professores

Interrupção de enunciados	Aula A		Aula B		Aula C		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
	7	25.9	8	29.6	12	44.4	27	99.9

É notório o facto de a maior frequência deste procedimento se encontrar na Aula C, evidenciando-se a interrupção de enunciados o lugar de controlo por parte deste professor.

Saliente-se ainda que um grande número de interrupções surgem durante os exercícios de leitura oral quer para o professor efectuar correcções na leitura, quer para efectuar a mudança de leitor. Na Aula A todas as interrupções foram realizadas durante a leitura; na Aula B as interrupções de enunciado ocorrem quase na totalidade (7) no âmbito de actividades de leitura. Também na Aula C dos 12 enunciados interrompidos, mais de metade são realizados neste domínio.

Nuno: (...) – É um perfume maravilhoso. No mar não há nenhum perfume assim. Mas estou tanta, tonto...

Prof.: TONTA.

Nuno: Tonta e um bocadinho triste. (...)

Considerações finais

A análise aqui realizada permitiu constatar que a suspensão de enunciado pode adquirir em contexto pedagógico usos e funções diversificadas, entre as quais assinalámos:

- distribuição da palavra;
- valor exploratório que se aproxima da pergunta (nível interno);
- cedência de palavra (nível externo);
- estratégia para a concretização da avaliação negativa.

Esta estratégia revelou-se extremamente útil enquanto forma de distribuir a palavra: por um lado atribuindo-a directamente seleccionando o locutor seguinte e coagindo o interlocutor a assumir o turno de fala (nível interno); por outro lado, permitindo que o aluno se auto-selecione como locutor seguinte cedendo-lhe, para tal, a palavra (nível externo).

A análise do *corpus* possibilitou que se verificasse que a suspensão de enunciado de nível interno possui um uso bem mais frequente do que a função externa o que, à luz da teoria de Brown e Levinson (1987), pode ser interpretado como uma ameaça mais forte à face do interlocutor. Neste sentido, a aula que se apresenta mais constrangedora é a Aula B.

Relativamente à utilização da suspensão de enunciado de nível externo, é a Aula B aquela que apresenta uma menor preocupação para com a face do interlocutor, já que a sua utilização enquanto cedência de palavra está ausente nesta aula.

Os enunciados interrompidos, que se apresentam como uma infracção conversacional, constituindo um acto ameaçador da face, demonstraram uma maior frequência na Aula C, evidenciando-se assim ser este um lugar de controlo no discurso do professor.

Em relação às potenciais variações no discurso do professor em função de grupos sociais distintos, não nos foi possível chegar a considerações conclusivas. Contudo, observou-se, perante a utilização da suspensão de enunciados, que é o professor da Aula B (aula de grupo social intermédio) aquele que denota uma menor preocupação com a face dos alunos. A interrupção de enunciados surgiu como lugar de maior controlo no discurso do professor dirigido a alunos de grupos sociais de nível 3.

Não pretendemos afirmar que estas considerações podem adquirir um carácter definitivo, já que os resultados obtidos, e as reflexões efectuadas, deverão ser confirmados através de um estudo aprofundado que recorra a um *corpus* mais alargado e um maior número de categorias analíticas.

Esperamos, porém, ter revalidado a nossa convicção de que a análise de dimensões específicas da interacção verbal na sala de aula nos possibilita uma reflexão sistematizada acerca da forma como os nossos professores regulam as suas práticas pedagógicas.

Bibliografia

- ALVES, Carla Aires (2000). *Como falam os professores? – contributos para o estudo da interacção verbal em contexto pedagógico*. Dissertação de mestrado em Supervisão Pedagógica em Ensino do Português submetida à Universidade do Minho.
- BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen (1987). *Politeness some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CASTRO, Rui Vieira (1991). *Aspectos da interacção verbal em contexto pedagógico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FÉRNANDEZ, Francisco Moreno (1998). *Principios de sociolingüística e sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel.
- SACKS, Harvey, SCHEGLOFF, Emanuel & JEFFERSON, Gail (1978). A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. In Jim Schenkein (ed.), *Studies in the organization of conversation interaction*. New York: Academic Press.
- SINCLAIR, John (1982). *The structure of teacher talk*. Oxford: Oxford University Press.